



Gilberto Jasper

Jornalista
gilberto.jasper@gmail.com

Situação dos aposentados só piora

A semana começou com a revolta de aposentados diante do posto do INSS no Centro de Porto Alegre. Há vários dias esta gente cansada, muitos com doenças e na maioria pobres, sofre na fila. O presidente do órgão, Gilberto Waller Júnior, prefere culpar a Dataprev (Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência). À exceção da urna eletrônica — único instrumento tecnológico infalível!

Na questão dos aposentados proliferam promessas, mas o que se vê é o total descaso com esta gente que trabalhou a vida toda e sustenta o INSS.

Não bastou o escândalo que surrupiou bilhões através de entidades ditas “de apoio aos aposentados”.

A bagunça continua porque o público prejudicado tem pouca força, voz e influência. Junto à mídia e ao governo federal. Até senadores que conquistaram diversos mandatos se dizendo “defensores dos aposentados” estão sumidos, quietos e omissos. O aparelhamento no comando de ministérios, empresas públicas e autarquias federais é a marca da ideologia do governo. Em 2025 tivemos prejuízos em quase todas as estatais. O rombo dos Correios, por

exemplo, em 2025 atingiu a histórica marca de R\$ 10 bilhões. O desempenho quebrou a empresa que está “passando o pires” na busca de um empréstimo de R\$ 12 bilhões. Trata-se de uma estatal que já foi orgulho dos brasileiros, mas está sob o comando de “companheiros” sem qualquer traquejo para pilotar uma empresa deste tamanho.

Os aposentados historicamente são deixados de lado pelos gestores públicos. O atraso na análise para a concessão de benefícios bate recordes, mas é uma mazela que se arrasta há décadas. Pelo jeito, a situação só piora.



Heliomar Franco

Prefeito de São Leopoldo
heliomar.franco@saoleopoldo.rs.gov.br

Avanço no atendimento ao TEA

Há muito tempo a população de São Leopoldo convive com limitações históricas no acesso à saúde. A falta de estrutura adequada, somada à falta de vontade, acabou naturalizando a ideia de que serviços essenciais podem ser incompletos ou insuficientes. Mudar esse cenário exige decisão política, planejamento e disposição para enfrentar problemas há anos sem solução.

A saúde é hoje um dos principais desafios do município. Não por falta de profissionais qualificados, mas pela ausência de uma gestão em que o cidadão é o centro das políticas públi-

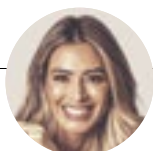
cas. É com esse entendimento que São Leopoldo inaugurou, segunda-feira, o Centro de Atenção à Saúde — Transtorno do Espectro Autista.

O novo serviço nasce como referência no atendimento a crianças com necessidade de reabilitação intelectual, encaminhadas pela rede municipal de saúde. Somente em 2025, a Prefeitura destinou cerca de R\$ 5 milhões para a judicialização de terapias, reflexo da falta de atendimento local. Agora, o cenário começa a mudar.

Com capacidade para realizar cerca de 1,2 mil atendimentos mensais, o

CAS TEA vai beneficiar famílias que aguardavam há quase três anos na fila e que antes precisavam se deslocar para outros municípios. São especialidades como neuropediatria, fonoaudiologia, psicopedagogia, terapia ocupacional e psicologia, oferecendo um cuidado mais próximo, contínuo e humanizado.

O CAS TEA simboliza um novo momento da saúde em São Leopoldo: menos improviso, mais planejamento e compromisso com resultados. É assim, com ações concretas, que o município avança e começa a reescrever sua história na saúde pública.



Karin Leite Dresch

Advogada
karin.leite@terra.com.br

Menopausa: quando o corpo decide falar

A menopausa costuma ser descrita como um evento hormonal. Mas, para algumas mulheres, ela se manifesta como uma ruptura mais profunda: o momento em que o corpo, depois de décadas de obediência, passa a impor limites e a exigir escuta. A menopausa não chega pedindo licença. Ela entra, muda os móveis de lugar e no obriga a reaprender a circular dentro da própria casa — o corpo. Muitas mulheres aprendem cedo a carregar o mundo nas costas. A sustentar rotinas, afetos, conflitos, silêncios.

A funcionar mesmo cansadas, doen-

tes ou emocionalmente sobrecarregadas. Chegam à menopausa depois de anos segurando estruturas invisíveis — famílias, relações, ambientes de trabalho, expectativas sociais. Organizando sempre o caos alheio enquanto engoliam o próprio. Existe um discurso confortável que tenta romantizar essa fase como liberdade absoluta. E há, sim, liberdade: uma certa dispensa de agradar, de explicar, de performer equilíbrio o tempo todo. Mas há também um cansaço profundo, uma irritação sem causa aparente, um estranhamento constante.

Não é apenas hormonal; é existencial. A menopausa não reduz as mulheres. A ideia de que a menopausa diminui as mulheres ignora tudo o que elas já sustentaram até aqui. Mas ela expõe o esgotamento de um modelo que sempre exigiu resistência silenciosa. Ao falhar, oscilar e impor limites, o corpo revela uma verdade incômoda: mulheres não foram ensinadas a se preservar, mas a aguentar. Talvez o desafio dessa fase seja justamente esse — transformar o que sempre foi cobrança em escuta e reconhecer que força não é sustentar tudo, mas saber quando parar.

Suzana Kunz

Publicitária
suzanakunz.1958@gmail.com



H₂O

No século passado, quando alguém dizia algo sem sentido, ofendia ou até dava um conselho totalmente “fora da casinha”, a resposta vinha rápida e sonora: vai tomar banho!. Pois foi justamente essa expressão que me atravessou neste final de semana, ao assistir *Avatar 3*, e pensar na força purificadora da água — em seu poder de transformação e renovação.

De repente, a frase ganha outro significado. Já não soa como desfeita, mas como um desejo simbólico: que cada um de nós possa se purificar. Deixar-se levar pela fluidez do elemento água para que ele lave as sujeiras invisíveis acumuladas pelo caminho — mágoas, tristezas, culpas, excessos que se depositam silenciosamente na alma.

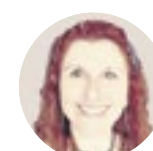
Estamos no início do ano, tempo de intenções e recomeços, e muitos de nós seguimos indo e vindo ao litoral, entregando o cor-

po aos repetidos banhos de água salgada. O mar, com seu ritmo constante, parece ensinar que tudo pode ser devolvido, dissolvido, transformado. Não por acaso, o banho de sal grosso atravessa culturas como ritual de limpeza; o batismo cristão acontece na água; os umbandistas recorrem aos banhos de descarrego.

E nós, reles mortais, tomamos banho todos os dias para retirar do corpo aquilo que pesa. Talvez sem perceber que algo mais também se dissolve ali, para além do visível. Não é à toa que, ao final, sentimos alívio. Como se algo tivesse sido reorganizado por dentro, ainda que não saibamos explicar. Por isso, como sempre é tempo de desejo, desejo que a água limpe e cure nossas feridas emocionais, devolvendo fluidez, presença e conexão com nossa essência que, vale lembrar, é majoritariamente feita de água. Puro H₂O.

Nana Vier

Professora e escritora
professora.vier@gmail.com



Usar o penso

Pensar não é inofensivo. Pensar desinstala, desacomoda, interrompe o piloto automático que nos permite seguir vivendo sem grandes conflitos internos. Talvez por isso o pensamento tenha se tornado um ato quase subversivo em tempos de respostas prontas e opiniões embaladas para consumo rápido.

Minha avó costuma dizer que a gente tem que usar o penso. Não o penso rápido, nem o penso dos outros — o próprio. Eu adotei isso pra vida. Porque moda passa, discurso muda, tecnologia avança, mas sem o penso a gente vira passageiro da própria existência. E passageiro não escolhe o caminho.

O perigo não está apenas na maldade explícita, mas na ação sem reflexão. Pessoas que obedecem sem questionar, que aderem sem compreender, que defendem ideias sem se responsabilizar por suas con-

sequências. Quando não pensamos, delegamos nossa consciência a slogans, líderes ou algoritmos.

A inteligência artificial pode ajudar, organizar, sugerir, otimizar. Mas ela não pensa por nós — e ainda bem. Pensar continua sendo um exercício artesanal, desses que exigem tempo, erro e alguma disposição para desconfortos. A tecnologia acelera; o penso dá direção.

Pensar cobra um preço. Depois de pensar, não dá mais para dizer “não sabia”. Não dá para terceirizar tudo ao sistema, à maioria ou ao clima do tempo. Pensar nos coloca diante de nós mesmos. Pensar não é inofensivo. Nunca foi. Mas a história mostra que os maiores estragos não nasceram do excesso de pensamento, e sim da sua ausência. Talvez o gesto mais elegante — e revolucionário — seja simples: usar o penso.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Lindo pôr do sol visto do Edifício Residencial Sinuelo 2, no bairro Pátria Nova.

Ivo Rubi
Novo Hamburgo



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcmas.com/opiniao